

PENSAR O ESPAÇO HABITADO A PARTIR DE PAUL RICOEUR

ELSIO JOSÉ CORÁ

MARCIO TASCHETO DA SILVA

BRUNA BONAMIGO

RESUMO

O texto apresenta conceitos relacionados à obra de Paul Ricoeur, especialmente, tempo, espaço habitado, narrativa e arquitetura. A partir da chamada hermenêutica do espaço, procura-se interpretar o espaço habitado, como lugar praticado. A releitura desses conceitos se faz importante para compreender aquilo que já está posto e aquilo que pode ser ressignificado, principalmente, a partir da concepção de cidade educadora. Compreendendo a narrativa do vivido como possibilidade de releitura da cidade e o encontro da possibilidade de narrar a cidade com pedagogias que nasçam do espaço praticado.

Palavras-chave: Narrativa. Espaço habitado. Tempo. Arquitetura.

INTRODUÇÃO

O presente texto parte da chamada hermenêutica do espaço, a qual teve sua expansão como área de estudo nos últimos anos. Ao analisar um espaço habitado, percebe-se que há um conjunto de elementos e fatores intrínsecos e extrínsecos a este ambiente. Elementos que podem estar envolvidos no seu processo de construção. Tempo, memória, espaço e narrativa são alguns desses elementos que fazem parte da construção arquitetônica e histórica de uma cidade.

A releitura desses espaços torna-se importante para compreender o contexto atual de um determinado espaço, bem como analisar o processo de apropriação da memória e do espaço referentes a este determinado local. Em alguma medida, pode-se dizer que a apropriação incorpora a ideia de reconstrução como uma ressignificação de sentido. Mas esta ressignificação seria mesmo possível? Se a resposta for positiva, como que ocorre tal processo? Para entender melhor essa questão, assume-se como referencial as noções de memória e de espaço, tal como proposto por Paul Ricoeur (1913-2005), em sua obra “A memória, a história e o esquecimento”. O autor irá reforçar que esses conceitos são entendidos como essenciais para analisar as condições formais e as transformações do espaço sobre a temporalidade e suas consequências para o ato de habitar e expoente para fortalecer o que hoje denomina-se Filosofia da Cidade.

Um ponto importante sobre essa ideia de uma filosofia da cidade é a sua vinculação com a filosofia social e, conseqüentemente, a aproximação com o viés prático, permitindo refletir e ressignificar o espaço construído e habitado. Uma cidade passa por diferentes interações sociais e históricas e o passado, presente e futuro se encontram atuantes na interpretação do espaço habitado, bem como do ser que habita este espaço e os lugares que serão habitados.

Da mesma forma, a ressignificação do espaço construído e praticado, pelo ato de releitura da experiência e da construção da composição da trama narrativa (*mise en intrigue*) como forma de organização da narrativa do vivido, permite-nos intuir que a cidade, como fonte potencial de histórias diversas, se apresenta também como portadora de pedagogias diversas.

Neste ponto de intersecção em que a experiência do espaço praticado e vivido torna-se possibilidade de narrativa, a cidade pode ser entendida como um agente de

reconfiguração do espaço, deixando aberta a possibilidade de pensarmos a aproximação entre cidade e educação, experiência e narrativa, como prática do espaço vivido e ato de aprender. O que pode nos conduzir a temática do sujeito da narrativa reconfigurada, como sujeito de aprendizagem em prática do espaço e forma de composição da trama urbana-educativa.

Os tópicos a seguir apresentam os conceitos na esteira da filosofia de Paul Ricoeur e, também, em comentadores e pesquisadores do autor francês. O intuito é fortalecer as narrativas da e na cidade com as pedagogias que emergem do espaço praticado.

NARRATIVIDADE, MEMÓRIA E ARQUITETURA

Paul Ricoeur expõe no texto “Arquitetura e Narrativa” que o ato de narrar é como colocar presente aquilo que já ocorreu no passado, trazendo à tona questões relacionadas ao espaço, ao tempo e à arquitetura. A narrativa está ligada ao tempo e à memória de um determinado espaço. Por meio da linguagem ocorre a narrativa, que por sua vez remete as noções de tempo e espaço; o aqui e o agora do acontecimento e da ação humana no mundo. Há uma associação de símbolos e significados que remetem a determinadas lembranças que compõem uma memória específica. Ou seja, desde uma data no calendário, as lembranças de lugares que visitamos e, também, de acontecimentos que se sucederam em um tempo determinado/datado. Costura-se, assim, o passado para e com o presente, e às vezes rompe-se, para que seja costurado, novamente, para que seja projetado no futuro.

Pareceu-me, por ocasião de trabalhos antigos de há uma década, em Tempo e Narração, que a memória era levada ao mesmo tempo à linguagem e a obras pela narração. Impõe-se a passagem da memória à narração: recordar, tanto privada como publicamente, é declarar que «eu estava lá». A testemunha diz: “Eu estava lá.” E este carácter declarativo da memória vai inscrever-se em testemunhos, mas também numa narrativa através da qual digo aos outros o que vivi. (RICOEUR, 1989,p. 2)

Ricoeur busca analisar a relação entre tempo e espaço a partir de três etapas: a prefiguração, a configuração e a refiguração da narrativa. A prefiguração ou pré-configuração é a narrativa experienciada e cotidiana. É o momento da narrativa em que se ordenam as histórias de vida, “o quem da ação” interligando à necessidade do habitar. Ou seja, no momento em que a narrativa acontece há uma ordenação dos acontecimentos relacionados à arquitetura, organizando, assim, os espaços estruturais construídos por esse ato de narrar. Uma história de vida se constrói em um espaço e a narrativa surge com o intuito de revelar a memória dos lugares e as experiências vividas por meio de uma ideia sintetizada ou resumida, dependendo muito do contexto e da possibilidade dessa transmissão da memória pela narrativa. Nessa prefiguração, há uma certa ideia de algo que é narrado, configurado e construído. Já, na configuração, há uma criação de um enredo ou trama por meio de eventos isolados que irão representar uma ação, sintetizando os acontecimentos de forma sucessiva composta por início, meio e fim, dando, assim, um sentido ao ato de configuração. Esse estágio é importante, pois permite ressignificar, ou seja, possibilita compreender a trajetória de uma ação através da memória que se tem e faz presente, para, então, buscar um sentido ou ressignificar naquilo que foi vivido/construído. Importante perceber essa formação do ato de habitar, de viver e experienciar como uma análise daquele que habita, juntamente com suas

esperanças e inquietações.

Enquanto na prefiguração há uma ordenação dos elementos de uma narrativa e na configuração há uma sintetização dos acontecimentos, na refiguração, acontece o que Ricoeur chama de resignificação. Ou seja, por meio dos modos de habitar já vividos e construídos, é possível fazer uma releitura dos projetos arquitetônicos, de vida e das memórias vivenciadas, buscando, assim, resignificar a ação a partir de novos sentidos e possibilidades, a partir dessa configuração de uma memória arquitetônica e de vida.

Em artigo que versa sobre as contribuições de Michel de Certeau acerca do urbanismo, François Dosse parece defender esta dinâmica da ampliação do fazer a cidade.

O espaço praticado para Certeau, se encarnava no caminhar de seus habitantes. Ele estabeleceu uma distinção entre a cidade, que considerava como uma língua, um campo de possíveis, e o ato de caminhar que a atualizava e advinha de enunciações dos pedestres. A cidade estaria estruturada como uma linguagem, mas Certeau permaneceu fora do paradigma estruturalista dominante, graças a sua valorização do ato de enunciação, situando-se antes do lado de Benveniste. Ao contrário do espírito do tempo, ele valorizava o ato da fala e o prolonga pelo ato de caminhar; este ato é para o sistema urbano aquilo que a enunciação (o speech act) é para a língua. Esta analogia entre a cidade/ língua e o caminhar/fala permitia valorizar os processos de apropriação da topografia urbana pelos seus atores que se desenvolveriam a partir das relações possíveis entre os pólos diferenciados. Certeau se preocupava em seguir o caminhante na cidade como expressão de um perto e longe, de um aqui e um lá, fonte de retóricas do caminhar: Os caminhantes dos transeuntes apresentam uma série de voltas e desvios assimiláveis às maneiras ou às ‘figuras de estilo’. Há uma retórica do caminhar. (DOSSE, 2013, 90)

É importante ressaltar que, além de uma análise construtiva de uma cidade, há também um sujeito nessa experiência que é o que vai tornando os acontecimentos e mudanças possíveis, com suas transformações e reconhecimentos, suas “figuras de estilo”. O ato de habitar não é somente espacial, mas também humano. Portanto, como afirma Dosse, o ato de enunciação, que pode ser aproximado com a mimese III (reconfiguração) proposta por Ricoeur, se coloca para além do espaço geométrico, uma vez que inquieta filósofos e educadores da chamada filosofia da cidade e, também, lança esclarecimento para pensar o conceito de cidade educadora.

ESPAÇO HABITADO

No subtítulo “O espaço habitado” da obra “A memória, a história e o esquecimento”, Ricoeur elenca alguns conceitos-chave: tempo, espaço, narrativa e lembrança. Destaca que a lembrança é composta por uma espacialidade corporal em um determinado espaço, como, por exemplo, quando lembramos de um fato ou de um acontecimento. Neste caso, somos direcionados pela memória a um determinado local em que as noções tanto de tempo quanto de espaço são exploradas, enfatizando as expressões que fizeram parte da experiência vivida.

Essas dimensões corporais e a mudança de repouso para movimento é que irão caracterizar o ato de habitar. O corpo será um ponto de referência que irá se deslocar de acordo com outros pontos do lugar que irão marcar a espacialidade. Ricoeur caracteriza “lugar” como o local onde está o corpo, em que ele se desloca e se coloca,

associados às expressões e dimensões vividas. Essas referências relacionadas ao deslocamento do corpo devem acompanhar a compreensão do espaço vivido, ou seja, o deslocamento e o movimento são conceitos importantes para entender o ato de habitar e o ato narrativo.

Outra questão pertinente é saber onde e quando se iniciam as relações entre o espaço geométrico e o espaço vivido, bem como onde eles se encontram na memória. E, para compreender isso, é importante colocar que há uma formação de um terceiro espaço que distingue o espaço geométrico e o espaço vivido. Esse terceiro espaço faz uma “mistura” dos espaços referidos e dos espaços que habitamos espaço(s) construído(s). A arquitetura forma o conjunto do espaço geométrico e o espaço desenrolado da condição corporal, permite fazer referência ao vivido, que humaniza as formas e coordenadas que transformam em um lugar de vida, podendo, assim, ser chamado de espaço vivido.

Nesse espaço vivido é que se situa o ato de habitar, que se estabelece pelo ato de construir, ou seja, abre um espaço para a arquitetura que compõe o espaço geométrico junto com a condição corpórea, dando origem a um espaço e tempo construídos pelo habitar. Assim, o tempo da história e as localizações se interligam, a narrativa e a construção se operam, em que uma garante temporalidade e a outra, a consistência física de um determinado local.

A cada nova construção que se edifica, abre-se no espaço uma nova narrativa ligada aos espaços já existentes na cidade, que busca conservar o tradicional e, ao mesmo tempo, ter características novas. “A cidade se deixa ver e ler.” A cidade, em si, promove essas relações de deslocamento, aproximação e distanciamento. Essas mudanças entre o velho e o novo estão sempre em oposição entre o que foi e o que não foi construído.

A experiência do espaço é marcada pela cartografia, e a geografia se torna um correspondente da história que marca os lugares, paisagens, fenômenos naturais e humanos. Um espaço constituído tem uma temática, é um espaço povoado que vem acompanhado de histórias, experiências e edificações erguidas no decorrer do tempo. E, com isso, os locais que os seres ocupam, abandonam, reencontram e constroem são o que faz da geografia um espaço vivido e habitado, que aos poucos se altera para um espaço geométrico e reconstruído.

Com relação ao tempo, Ricoeur coloca uma impossibilidade de um acesso direto à realidade tendo em conta a temporalidade da condição humana. Ou seja, eliminar o tempo como uma ordenação de momentos uniformes e que variam de acordo com a intensidade de quem a vive. O autor diferencia essa ordenação com duas maneiras distintas de tempo, chamando, assim, de *tempo de alma* ou *tempo vivido* e *tempo cósmico* ou *tempo do mundo*. Para exemplificar, traz a questão do calendário, em que o tempo vivido ganha referências pelas datas que remetem aos significados de uma memória que passou pelos três processos citados anteriormente (prefigurar, configurar e reconfigurar). Uma vida que se busca contar por meio da narrativa, mas que também traz uma outra condição temporal daquilo que foi vivenciado.

Numa palavra, é a narrativa a verdadeira forma de aceder ao tempo humano (e, assim, de superar as aporias na qual permanece enredada uma fenomenologia do tempo). Aquele terceiro tempo, o tempo propriamente humano que Ricoeur demanda, apenas se encontra,

então, quando uma narrativa de vida se começa (UMBELINO, 2011, p. 144).

É nessa narrativa enfatizada pelo tempo humano que Ricoeur apresenta uma síntese integrativa que faz a junção da experiência com um caráter de temporalidade, dando, assim, uma significação da existência humana. O ato de narrar ordena os acontecimentos de uma forma que une o tempo cósmico e o tempo vivido, ou seja, há uma reflexão que permite compreender a experiência dos eventos acontecidos. O tempo narrado é associado com o tempo do espaço, utilizando da linguagem gramatical para afirmar o passado, marcando uma sustentação histórica que marca o espaço e caracteriza a memória. Esse meio sempre se fará presente quando uma memória ressurgir com o intuito de remeter a algo vivido (UMBELINO, 2011).

Há um paralelismo entre o tempo narrado e o espaço construído, em que a arquitetura está na durabilidade material e a narrativa, na duração. A cidade é como um enredo que traz mundos de significação e que permitem reconfigurar a condição humana de reescrever a realidade, de representar ação e orientar o agir (UMBELINO, 2011). O passado, o presente e o futuro se misturam com a interpretação da cidade e de si. Por isso, se faz necessária essa nova leitura dos horizontes geográficos, históricos, sociais e políticos na qual a vida prática se situa, sempre buscando por novas orientações de agir.

A memória pode ter lugar e encontrar o seu lugar, assim como as lembranças cotidianas ou como recordações históricas dos povos e nações. O tempo se narra por meio do espaço e vice-versa, são expectativas e concretizações que vão se reformulando e recapitulando com o tempo. A releitura das cidades é importante nesse sentido, pois, ao trabalhar as transformações que decorrem com os anos, é necessário aceitar o luto e o irreparável, buscando aceitar de uma nova forma e dar um novo significado.

A releitura pode ser entendida também como oportunidade pedagógica, uma vez que promove o reencontro com a experiência do espaço praticado e a possibilidade da composição de uma nova trama urbana-educativa. Perspectiva que mais uma vez nos remete à concepção de Dosse (2013, p. 92),

São os gestos, as práticas, as artes de fazer e as narrativas do cotidiano que constituem os verdadeiros arquivos urbanos. À cidade visível, as artes de “fazer com” acrescentam o que Calvino chamou de “cidades invisíveis”, este imaginário da cidade que a torna credível: Morar, é narrar. Fomentar ou restaurar esta narratividade, é também uma tarefa de reabilitação. A cidade é o campo fechado de uma verdadeira guerra de narrativas, das quais cada um de nós é o portador de uma memória específica e cuja tessitura constitui a densidade histórica de cada cidade.

Do Espaço habitado a Narrativa da cidade?

É nessa tentativa de entender as transformações que ocorrem acerca do espaço que Olivier Mongin entende o lugar praticado como uma condicional de ação, na qual a práxis é o centro da discussão. Para o autor, a cidade possui uma “forma” que é espacial, e que é possibilitadora de experiências singulares. Essa cidade espacial, em um olhar mais amplo, em primeiro, é um espaço de ação coletiva. Mas, conforme Mongin (2009), ao mesmo tempo os indivíduos são capazes de por meio do corpo prover o movimento do seu próprio percurso singular. Para exemplificar esse movimento, o filósofo cita a exposição individual ao ritmo urbano como potência de desenvolver seu percurso. Outro exemplo

citado pelo autor é do confronto entre indivíduos portadores de gostos, vontades, bem como a política, em si, como grande potencializadora de confronto e de exposição, podendo aproximar ou excluir pessoas de acordo com suas posições.

Para o autor, a cidade tem uma relação próxima com o corpo. Para aprofundar mais sobre essa questão, relacionamos o que ele fala sobre o corpo com a cidade. Nesta metáfora, os órgãos estão associados a alguma finalidade e, assim, distribuídos pelo espaço da cidade. Para Mongin (2009), essa relação é o que ocasiona, por exemplo, a relação centro e periferia, ou seja, o que caracteriza uma como provedora de acesso e a outra como negação desse mesmo acesso, por meio de uma seleção que é econômica e estrutural. A relação cidade e corpo também é multidimensional. A relação público e privado coexiste de maneira mais ou menos harmoniosa, mas sempre disposta de uma infinidade de incerteza. É nessa relação de incerteza que a identidade de cada cidade se estabiliza (MONGIN, 2009). Para o autor, a cidade é portadora de um saber, e ele defende um saber da cidade. Esse saber, junto com a distribuição dos “órgãos” da cidade, é construtor de identidade, a qual se caracteriza nos anseios e nas necessidades de quem ali percorre suas ruas.

Estes mesmos que percorrem as ruas traçam seu caminho nas relações de exposição citadas anteriormente. Possibilitando a formação de uma ideia de função dentro de cada percurso. Essa função está associada à relação de perceber a cidade, sobre o afeto e a ideia de um certo pertencimento a um determinado local/cidade. Essa relação faz parte do processo de experiência singular com o espaço. De acordo com Mongin (2009, p. 49),

A cidade é circunscrita, a delimitação espacial é a condição de possibilidade de percursos infinitos e insólitos. A cidade é uma entidade discreta, limitada e aberta sobre um ambiente, mas essa característica centrífuga é sempre reequilibrada por uma ligação com o centro.

Essa ligação é a mesma que citamos anteriormente como essencial para a construção de uma identidade do corpo, portanto, ela pode ser, além de comercial, essencial. É nessa ideia de infinidade que pode ser encontrado o espaço urbano. Espaço de tensão. E, em muitos momentos, alguns problemas podem se refletir numa ideia de criar o espaço, ou, no caso, de como um local, primeiramente, é habitado, para depois ser novamente habitado, e assim por diante.

É nesse sentido que se pode pensar a cidade de maneira multipolar, ou seja, uma cidade é ritmada pela história, que, por sua vez, sobreescreve uma construção com outra. A mesma história que é a memória exercida de um determinado local. Essa retomada pode ser entendida como uma imagem mental, segundo Mongin (2005). Sendo essa imagem caracterizada por lugares, percursos, nomes de ruas, nomes de escolas, conferindo, assim, uma abertura para o espaço simbólico. Ou, como define o autor: “Imagem mental, *cosa mentale*, a forma da cidade é inseparável da estratificação do tempo, de uma memória que se dá ao longo de monumentos e de nomes em um percurso que se conjuga no presente” (MONGIN, 2009, p. 52).

Percebe-se que é no presente que a ação se faz introduzir ao espaço a sua capacidade de habitar. Essa afirmação pode ser justificada em relação ao percurso histórico que é retomado pela memória ou sobre a possibilidade de narrar fatos até a condução e formação de um espaço. Neste caso, pode-se usar a metáfora do corpo para dizer que este processo pode nos remeter à criação de um corpo com sua própria identidade. As cidades

têm a potencialidade de, por meio do movimento, criar ritmos urbanos. Ritmos que possibilitam às trajetórias das memórias ativas a se movimentarem, dando sequência à ideia de que o habitar reside no movimento incessante (MONGIN, 2009).

Segundo Mongin (2009, p. 53), “se a cidade é essa unidade simbólica que evoca uma memória e antecipa um futuro, ela exige simultaneamente lugares-limiares, entremeios que permitem às descontinuidades tomar forma”. Esses lugares remetem ao que foi apresentado anteriormente sobre a ideia de pertencimento, ou seja, “a cidade é como um tecido narrativo no presente” (MONGIN, 2009 p. 55). A cidade é capaz de criar vínculos provisórios dentro de um determinado espaço, sendo a história entendida pelo autor como um “enovelado de narrações”, em que as relações são construídas dentro do movimento do corpo e nas quais algumas estão vedadas a um determinado espaço, como, por exemplo, ambiente escolar, ambiente de trabalho, entre outros.

Para Mongin (2009), a cidade é vista como um ideal de narração, pois existe alguma implicação na sua não redutividade ao passado, ou seja, ela é independente da relação com um futuro ou presente idealizado. Outra categorização colocada pelo autor para a cidade é a de fundação. Essa conceitualização é configurada pela capacidade de ser contínua, sem um começo, meio e fim específicos, por mais que se saiba que existe a possibilidade de um fim, não temos essa idealização de quando e como ele será. Sendo assim, importante ressaltar que a experiência urbana é classificada de duas maneiras: mental e material. Mongin (2005) resalta, ainda, que a cidade é portadora de tempo e se alimenta dessa continuidade ou da própria falta de continuidade, dando, assim, a ênfase para a necessidade do movimento. “Esta prospecção do ordinário urbano em todos as suas dimensões se abre, então, da mesma forma que para Certeau, sobre uma poética da cidade, sobre uma visão encantada da multidão em marcha” (DOSSE, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo aquilo que compõe uma cidade vai entrando em múltiplas metamorfoses em consonância com o tempo e narrativa daquilo que já foi vivido, do espaço que já foi habitado. Essa ressignificação acontece para que outros momentos, outras narrativas e novas arquiteturas possam dar continuidade à história.

A releitura das cidades é feita para que seja exercitado um trabalho de memória e luto para aceitar o responsável e compreender de um modo novo. Perceber essas mudanças necessárias faz com que se consiga abrir outros espaços que possam dar origem àquilo que está se vivendo naquele momento.

A memória e a narrativa são os elementos que dão origem a esse início e, ao mesmo tempo, continuidade ao processo de reconstrução. Uma história dentro de um determinado tempo e espaço é preenchida por acontecimentos, sujeitos e uma arquitetura presente. Cada espaço habitado tem seu marco por aquilo que já foi habitado, aquele que habita e que habitará. Ao lembrar daquilo que foi vivido, é possível analisar aquilo que se pretende manter e aquilo que se gostaria de deixar no passado, presente e futuro.

Compreender a cidade como um espaço potencial para inúmeras narrativas, pode ser uma chave de leitura para o reconhecimento de suas diversas pedagogias.

REFERÊNCIAS

CORÁ, E. J., & PEREIRA, P. C. Espaço habitado y espacio practicado: leer la ciudad desde Ricoeur y Certeau. *Diálogos*, (106), 2020, p. 75-90.

DOSSE, François. **O espaço habitado segundo Michel de Certeau**. Revista Cultura, Uberlândia, v. 15, n. 27, jul.-dez. 2013, p. 85-96.

RICOEUR, Paul. **Architecture et narrativité**. Urbanisme, n.303, p. 44-51, nov./déc.,1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: AlainFrançois [et al]. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

UMBELINO, L. A. **Espaço e Narrativa em P. Ricoeur**. Revista Filosófica de Coimbra, n. 39, 2011, p. 141-162.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana**. A cidade na era da globalização. Tradução: Leticia Martins de Andrade – São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.

Submetido em outubro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.

Autoria

Elsio José Corá

Pós-doutorado pela Universidade do Porto (Portugal). Doutor em Filosofia pela PUC/RS, com estágio de doutorado na Università degli Studi di Napoli Federico II (Itália). Mestrado e Graduação em Filosofia pela UFSM. Docente do Curso de Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-graduação Stricto Senso (Mestrado) em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Atuou como Coordenador Geral do Ensino Fundamental do Ministério de Educação (MEC) (2015 a 2016) e foi Diretor de Políticas de Graduação da UFFS (2010 a 2015). Líder do Grupo de Pesquisa Filosofia e Temas Contemporâneos (UFFS) e membro do Grupo de Pesquisa Ética e Ética Aplicada (UFSM). Tem atuado, principalmente, nos seguintes temas: Hermenêutica, Ética, Formação de Professores, Educação Integral e Base Nacional Comum Curricular.

E-mail: elsio.cora@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7146-1478>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1501716878649753>

Márcio Tascheto da Silva

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (2002), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (2005), Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2016) e pós-doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (em andamento). Atualmente atua como professor e pesquisador do Curso de História e no Mestrado em Humanidades e Linguagens/MEHL da Universidade Franciscana/UFN nos projetos Leituras Contemporâneas do Espaço Urbano de Santa Maria/RS e Pedagogias Urbanas: O Potencial Educativo da Cidade para o Ensino de Humanidades, como assessor da Vice-Reitoria de Extensão da Universidade de Passo

Fundo/UPF, como Coordenador do Projeto Hospedaria da Arte, Coordenador dos sub-projetos UniverCidade Educadora UFN e Ateliê Pedagógico. Membro do Movimento Brasileiro de Cidades Educadoras/SP e da Rede de Universidades por Cidades que Educam. Avaliador de Tecnologias de Educação Integral na Secretaria de Educação Básica/SEB/MEC, Membro do grupo de editoria da revista Lugar Comum/UFRJ, pesquisador do grupo de pesquisa Arte, Corpo, Ensigno CNPQ/CAPES/UFRGS, pesquisador da rede Universidade Nômade.

E-mail: tascheto@ufn.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8937-7706>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4880820875937135>

Bruna Provensi Bonamigo

Graduanda em Filosofia, bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó (SC).

E-mail: bruna_bonamigo@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2432-0351>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9275744499078304>